

**APLICABILIDADE DAS CONJUNÇÕES
NA CRÔNICA “COMO COMECEI A ESCREVER”**

Raphael Alves de Oliveira (UERJ)

ra.oliveira@outlook.com.br

Dayhane Alves Escobar Ribeiro Paes (UERJ)

dayhanepvs@gmail.com

RESUMO

A crônica é uma forma textual no estilo de narração que tem por base fatos que acontecem em nosso cotidiano. Por esse motivo, é uma leitura agradável, pois o leitor interage com os acontecimentos e, por muitas vezes, se identifica com as ações tomadas pelas personagens. Em um texto, os termos devem estar muito correlacionados. O tema deve se manter no fio do discurso, e para garantir a progressão de um artigo, usamos diversos elementos. Para garantir isso, o escritor deve ter o domínio da coesão (referencial e sequencial) e da coerência. Neste trabalho, abordaremos as conjunções, que fazem parte da coesão sequencial e podem ser classificadas de acordo com a relação de dependência sintática dos termos que unem, podendo ser coordenadas ou subordinadas. Infelizmente, a gramática tem sido ensinada nas escolas de forma arcaica, pois utilizam a aplicação de métodos teóricos que não têm muito significado no dia a dia dos estudantes, por isso, muitos deles não conseguem estabelecer uma relação entre a gramática e a sua aplicabilidade.

Palavras-chave: Conjunções. Crônica. Coesão. Coerência.

1. Considerações iniciais

A crônica é uma forma textual no estilo de narração que tem por base fatos que acontecem em nosso cotidiano. Por este motivo, é uma leitura agradável, pois o leitor interage com os acontecimentos e por muitas vezes se identifica com as ações tomadas pelas personagens. É um texto subjetivo, pois apresenta a perspectiva do seu autor e o tom do discurso varia entre o ligeiro e o polêmico, podendo ser irônico, satírico ou humorístico. Originalmente, a crônica limitava-se a relatos verídicos e nobres, pois se tratava da compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo, como o dia a dia da corte, as histórias dos reis, seus atos etc. Mais tarde, entretanto, grandes escritores, a partir do século XIX, passam a cultivá-la, refletindo, com argúcia e oportunismo, a vida social, a política, os costumes e o cotidiano do seu tempo em livros, jornais e folhetins.

Contemporaneamente, a crônica está presente em jornais, revistas e livros, ela apresenta uma leitura que nos envolve, uma vez que utiliza a

primeira pessoa e aproxima o autor de quem lê. Como se estivessem em uma conversa informal, o cronista tende a dialogar sobre fatos até mesmo íntimos com o leitor. Quanto ao estilo, geralmente, é um texto curto, breve com linguagem simples, interlocução direta com o leitor e marcas bem típicas da oralidade. Isso torna esse gênero textual ainda mais próximo de todo tipo de leitor e de praticamente todas as faixas etárias. Por possuir um vocabulário variado e expressivo de acordo com a intenção do autor, a crônica configura um gênero literário produzido essencialmente para ser vinculado na imprensa. Segundo Arthur Távola, a crônica é a expressão das contradições da vida e da pessoa do escritor ou jornalista. Para o autor, a crônica é “a literatura do jornal ou jornalismo da literatura”.

Portanto, a crônica é uma forma interessante para as pessoas que têm dificuldade de ler, uma vez que possui diversas características que tornam os requisitos necessários para tornar a leitura um hábito agradável. Podemos citar alguns cronistas, como Stanislaw Ponte Preta, Fernando Sabino, Rubem Braga, Luis Fernando Veríssimo, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Ernesto Baggio, Lygia Fagundes Telles, Machado de Assis, dentre outros, que muito contribuíram para a divulgação deste gênero com uma linguagem que não se enfeita com os altos sistemas de pensamento, mas pode conter a filosofia do cotidiano e da vida que passa. Não se empavona com a erudição dos tratados, mas pode trazer agudeza de percepção dos bons ensaios. Para ser boa, não deve ser mastigada, mas deve dissolver-se na boca do leitor, deixando um sabor de vivência comum.

Logo, em última análise, vale destacar que a crônica possui inúmeras características já mencionadas como marcas de oralidade, descrição de fatos cotidianos, linguagem simples entre outras coisas. Por conta disso, o texto necessita de uma “cola” para ligar as sentenças, isso será garantido pela coesão textual, que é um dos fatores de textualidade que se refere à relação, à ligação e à conexão entre os elementos de um texto. Ela pode ser classificada como coesão referencial, pois retoma as ideias, e sequencial, que dá continuidade às ideias. E para garantir a perfeita coesão, o cronista deverá utilizar, principalmente, as conjunções. Assim, neste artigo, o objetivo é verificar como ocorrem os mecanismos de coesão sequencial na crônica “*Como comecei a escrever*”, de Carlos Drummond de Andrade. Para a análise desse texto, serão utilizados os pressupostos teóricos da linguística textual, sobretudo as obras de Fávero (1997), Fávero & Koch (2000) e Koch (2001). O trabalho pretende ser um exercício de análise de um texto a partir da teoria e das classificações

referentes a esse tipo de coesão.

2. O papel das conjunções na coesão textual

Coesão textual é a conexão, harmonia entre os elementos de um parágrafo. Percebemos tal definição quando lemos um texto e verificamos que as palavras, as frases e os parágrafos estão entrelaçados, um dando continuidade ao outro. O mecanismo denominado *conjunção* ou *conexão* estabelece relações significativas específicas entre elementos ou orações do texto. Os principais tipos de elementos conjuntivos são advérbios e locuções adverbiais, conjunções coordenativas e subordinativas, locuções conjuntivas, preposições e locuções prepositivas, e itens continuativos como *daí*, *então*, *a seguir*.

Considera-se, para este trabalho, a proposta de classificação adequada e funcional da linguista Ingedore Koch que parece mais simples, tendo em vista os objetivos do trabalho, por ser dividida em apenas dois tipos. Koch (2001) sugere que a coesão seja pensada apenas a partir de duas grandes modalidades – a coesão referencial e a coesão sequencial. De acordo com a autora, a coesão referencial é “aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outros elementos do universo textual” (p. 30), e a coesão sequencial “diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem entre segmentos (...) diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas à medida que se faz o texto progredir” (p. 49). Por esse motivo, considera-se que ambos os tipos de coesão contribuem para que ocorra uma relação entre as partes de uma sentença, a coesão referencial quando permite retornar a algo já mencionado no texto e a coesão sequencial quando permite dar continuidade das ideias.

Não obstante, em favor dessa posição, que é também a adotada neste trabalho, menciona-se o fato de que pode haver uma sequência de frases ou enunciados coesivos que não podem se constituir como um texto porque não faz sentido para quem o recebe; e por outro lado, pode haver sequências de frases ou enunciados em que não se observam elementos de coesão, mas que fazem sentido para quem o recebe, isto é, têm coerência. Logo, por esse motivo, priorizaremos a análise de apenas os recursos de coesão sequencial que dá o encadeamento dos fatos na crônica.

Quando predominantemente narrativa, a crônica possui trama quase sempre pouco definida, sem conflitos densos, personagens de pou-

ca densidade psicológica, o que a diferencia do conto. Neste tipo de texto, por exemplo, os termos devem estar muito correlacionados, isto é, o tema deve se manter no fio do discurso, e para garantir a progressão textual, são usados diversos elementos, entre eles, destacam-se as conjunções. Elas podem ser classificadas de acordo com a relação de dependência sintática dos termos que unem, podendo ser:

| Relação Sintática | Classificação | Alguns Exemplos |
|-------------------|---------------|---|
| Coordenadas | Aditivas | e, nem, mas também |
| | Adversativas | Mas, porém, todavia |
| | Alternativas | <i>Ou... ou, ou, ora... ora, já... já</i> |
| | Conclusivas | Pois (posposta ao verbo), logo, portanto |
| | Explicativas | <i>que, porque, porquanto</i> |
| Subordinadas | Integrante | Que, se |
| | Causais | Porque, porquanto, uma vez que |
| | Concessivas | Embora, conquanto, entretanto |
| | Condicionais | Se, desde que, a menos que |
| | Proporcionais | À medida que, ao passo que, quanto mais |
| | Finais | Para que, afim de que |
| | Temporais | Todas as vezes que, apenas, logo que |
| | Consecutivas | De forma que, de maneira que, de sorte |
| | Comparativa | Como, assim como, tal que |

3. *Análise das conjunções no corpus selecionado*

A crônica *Como comecei a escrever*, objeto de estudo deste trabalho, encontra-se transcrita integralmente em anexo. No entanto, os parágrafos de onde são retirados os exemplos sobre os quais são tecidos comentários são transcritos nesta parte do trabalho. Inicialmente serão feitas as considerações sobre os elementos que compõem a coesão sequencial, em seguida, serão feitas outras considerações teóricas, além das já apresentadas na primeira parte deste trabalho, elas são feitas de acordo com o que se considerou necessário para análise. De acordo com Koch (2001, p. 49), a progressão de um texto pode ocorrer com ou sem elementos recorrentes (que se repetem ou que voltam a ser utilizados algumas vezes). A autora chama de *sequenciação parafrástica* quando se observam no texto procedimentos de recorrência estrita; e de *sequenciação frástica* aquela não baseada em procedimentos de recorrência. Apresentam-se, a seguir, as considerações sobre esses dois tipos de *sequenciação* do texto em estudo.

“Aí por volta de 1910 não havia rádio nem televisão e o cinema chegava ao interior do Brasil uma vez por semana aos domingos”. Os

termos destacados “nem” e “e”, estabelecem nas sentenças uma relação de adição sendo classificadas como conjunções coordenadas aditivas. Se substituíssemos o nem pelo como também e o e pelo por além disso, teríamos: Aí por volta de 1910 não havia rádio como também televisão, além disso, o cinema chegava ao interior do Brasil.

“Se chovia a potes, a mala do correio aparecia ensopada, uns sete dias mais tarde”. A palavra “se” atribui de maneira óbvia a frase a ideia de hipótese ou uma condição para que a mala ficar ensopada. Seria classificada como conjunção subordinada condicional. Poderíamos substituir por outras palavras, mas se isso ocorre-se teríamos que alterar toda a estrutura do período para garantir a coesão textual da frase.

“Ninguém falava em conto *ou* poesia, *mas* a semente dessas coisas estavam germinando”. O primeiro elemento destacado ou pode ser classificado como conjunção coordenada alternativa ou disjuntiva, uma vez que estabelece uma relação de alternância. O segundo elemento pode ser classificado como conjunção coordenada adversativa, pois pode ser substituída pelo, todavia. Exemplo: (...) *todavia* a semente dessas coisas estavam germinando.

“Quando fui para a escola pública, já tinha a noção vaga de um universo de palavras que era preciso conquistar”. A palavra ‘*quando*’ pode assumir valor de condicionalidade, explicação, adversidade – se equivaler a “mas” – e temporalidade. Nesse caso, essa palavra é temporal, poderíamos até substituí-la por outra palavra, mas teríamos que mudar toda a estrutura da frase.

“Ninguém falava em conto *ou* poesia, *mas* a semente dessas coisas estava germinando”. A primeira palavra grifada pode ser classificada como conjunção coordenativa alternativa, uma vez que faz uma exclusão entre uma palavra e outra. Já a segunda, pode ser classificada como conjunção coordenativa adversativa, pois como expressa contraste pode ser substituída por “*porém, contudo, entretanto*”. Exemplo: *entretanto* a semente dessas coisas estava germinando.

“Meu irmão, estudante na Capital, mandava-me revistas e livros, e me habituei a viver entre eles”. A conjunção **e** pode ser classificada como conjunção coordenativa aditiva. Entretanto, se colocarmos a conjunção “*por isso*”, a frase mudará de sentido. Exemplo: (...) **por isso** me habituei a viver entre eles. Essa frase passará a ter um sentido de explicação, pois, uma vez que o irmão do estudante mandava revista e livros, ele passou a viver entre eles.

“Na mesa do café-sentado (*pois* tomava-se café sentado nos bares, e podia-se conversar horas e horas sem incomodar nem ser incomodado) eu tirava do bolso o que escrevera durante o dia, e meus colegas criticavam”. O termo *pois* é explicativo já que é possível usar o *visto que* ou o *já que*. Exemplo: (...) *visto que* tomava-se café sentado nos bares, e podia-se conversar horas e horas sem incomodar nem ser incomodado. E as conjunções são aditivas, uma vez que estabelece uma ligação entre as orações.

Fica evidente, portanto, que a crônica necessita de uma “cola” para ligar as sentenças, garantindo coesão textual através do uso das conjunções, que servem para concatenar as partes do texto e atribuir diferentes sentidos. Por meio das relações sintáticas e semânticas, as orações se articulam e mantêm um sentido entre si que pode ser de adição, alternância, comparação ou tempo, entre outros. Convém ressaltar que ainda que se tenha realizado uma análise relativamente extensa do texto, é preciso esclarecer que nem todos os mecanismos coesivos foram destacados. Se alguns recursos foram evidenciados em detrimento de outros, certamente, é porque sobressaíram na leitura realizada.

4. Conclusão

Diante dos dados apresentados, infelizmente, pode-se perceber que, atualmente, a gramática tem sido ensinada nas escolas ainda de forma arcaica, pois utilizam a aplicação de métodos teóricos que não têm muito significado no dia a dia dos estudantes, por isso, muitos deles não conseguem estabelecer uma relação entre a gramática e a prática.

Desse modo, os professores devem buscar vincular, isto é, contextualizar o ensino gramatical, por exemplo, a aplicabilidade das conjunções dentro da crônica. Assim os alunos terão uma significação prática da teoria que lhe é ensinada, reconhecendo a necessidade de se aprender o aspecto gramatical de aplicação no texto.

Assim, para encerrar esta pesquisa de relevância acadêmica por se tratar de uma proposta metodológica ao ensino de língua portuguesa é pertinente citar o trecho abaixo, retirado do livro *Para Gostar de Ler* de Antônio Cândido que, a nosso ver, melhor define a crônica em seu aspecto de cadeia de informações com elos semânticos entre si:

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancis-

tas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. “Graças a Deus”, – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura (...). Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. (CANDIDO, 1981, p. 13).

Através dessas palavras de Candido, nota-se porque a crônica é considerada por muitos críticos um gênero menor: aquela vontade de forma que todo grande artista possui e termina subjugada pela necessidade de ser acessível a todos. Mesmo assim, alguns desses prosadores são capazes de alcançar uma linguagem literária de singular beleza como se percebe na crônica de Drummond. Na verdade, o que o narrador deixa transparecer ao leitor nesta crônica é que a metalinguagem presente no texto do escritor sobre a escrita reforça o ato discursivo biográfico como um relato de uma rica experiência de vida. A sequência dos fatos que contribuíram para a aquisição da escrita ‘do escritor’ é concatenada pelas conjunções presentes no texto. Outras leituras, outras observações, entretanto, também são possíveis.

Registra-se, ainda, sobre a coesão desse texto, que, considerando a modalidade – coesão sequencial – na qual se baseou a análise – foi notório o uso das marcas coesivas, servindo também como recursos de construção de sentido. Dessa forma, se este trabalho puder, ao menos, motivar a realização de outros para que o tema coesão seja estudado também nas escolas de educação básica já terá tido sua utilidade. Conforme foi abordada aqui, a proposta deste trabalho é estimular o ensino da gramática contextualizada, pois a escolha dessa crônica justifica-se pela possibilidade de se utilizar este estudo como apoio a uma aula para estudantes do Ensino Médio. Ou seja, a análise aqui apresentada pode ser realizada passo a passo com os estudantes durante uma aula de língua portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Como comecei a escrever*. Disponível em: <<http://www.casadobruco.com.br/poesia/c/prosa14.htm>>. Acesso em: 25-07-2014.

CANDIDO, Antônio. Prefácio. In: _____. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1982.

Conjunção. Disponível em:

<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Conjun%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 25-07-2014.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997. [5. ed. São Paulo: Cortez, 2000].

KOCH, Ingedore G. Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2001.

PESSOA, Fernando. *Característica da crônica*. Disponível em:

<<http://apoioptg.blogspot.com.br/2007/04/caractersticas-da-crnica.html>>. Acesso em: 25-07-2014.

TAVARES, Marilze. Mecanismos de coesão no texto Aula de Inglês, de Rubem Braga. *Revista Arredia*, Dourados, MS:UFGD, vol. 1, n. 1, p. 102-119, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/arredia/article/view/1744/1123>>. Acesso em: 25-07-2014.

VILARINHO, Sabrina. *Crônica*. Disponível em:

<<http://www.brasilecola.com/redacao/cronica.htm>>. Acesso em: 25-07-2013.

ANEXO:

Como comecei a escrever

Aí por volta de 1910 não havia rádio nem televisão, e o cinema chegava ao interior do Brasil uma vez por semana, aos domingos. As notícias do mundo vinham pelo jornal, três dias depois de publicadas no Rio de Janeiro. Se chovia a potes, a mala do correio aparecia ensopada, uns sete dias mais tarde. Não dava para ler o papel transformado em mingau.

Papai era assinante da "Gazeta de Notícias", e antes de aprender a ler eu me sentia fascinado pelas gravuras coloridas do suplemento de domingo. Tentava decifrar o mistério das letras em redor das figuras, e mamãe me ajudava nisso. Quando fui para a escola pública, já tinha a noção vaga de um universo de palavras que era preciso conquistar.

Durante o curso, minhas professoras costumavam passar exercícios de redação. Cada um de nós tinha de escrever uma carta, narrar um passeio, coisas assim. Criei gosto por esse dever, que me permitia aplicar para determinado fim o conhecimento que ia adquirindo do poder de expressão contido nos sinais reunidos em palavras.

Daí por diante as experiências foram-se acumulando, sem que eu percebesse que estava descobrindo a literatura. Alguns elogios da professora me animavam a continuar. Ninguém falava em conto ou poesia, mas a semente dessas coisas estava germinando. Meu irmão, estudante na Capital, mandava-me revistas e livros, e me habituei a viver entre eles. Depois, já rapaz, tive a sorte de conhecer outros rapazes que também gostavam de ler e escrever.

Então, começou uma fase muito boa de troca de experiências e impressões. Na mesa do café-sentado (pois tomava-se café sentado nos bares, e podia-se conversar horas e horas sem incomodar nem ser incomodado) eu tirava do bolso o que escrevera durante o dia, e meus colegas criticavam. Eles também sacavam seus escritos, e eu tomava parte nos comentários. Tudo com naturalidade e franqueza. Aprendi muito com os amigos, e tenho pena dos jovens de hoje que não desfrutam desse tipo de amizade crítica.

(Carlos Drummond de Andrade)